

O Prelo do Galinha



Foto de Luís Garção Nunes, Janeiro 2007

É um prelo metálico fabricado em 1845 por Manuel Bernardes Galinha, um hábil serralheiro de Coimbra, que pertenceu a uma famosa “dinastia” de fabricantes de ferro forjado e fundido, e cuja obra mais conhecida será o portão principal do Jardim Botânico da Universidade.

Como o projecto editorial que estivesse na base desta encomenda não tivesse chegado a concretizar-se, o prelo foi vendido ao jornal conimbricense *O Observador*, que aí se imprimiu durante cinco anos. Nos últimos dois da sua edição trissemanal, *O Observador*, que passaria a chamar-se *O Conimbricense* e a tornar-se o mais importante jornal local do século XIX, deixou de ser impresso neste velho prelo e ele foi instalado, em 1852, no Colégio da Trindade.

Nesse local funcionou a loja maçónica chamada *Pátria e Caridade*, que promoveu diversos eventos a favor da *Sociedade de Instrução dos Operários*. Pode ter sido pontualmente usado para imprimir Programas e cartazes das actividades da SIO, associada à primeira tentativa de constituir uma Universidade Livre, em Coimbra.: “A SIO organizou um montepio operário, cursos primários e de nível secundário preenchidos por disciplinas como História da Democracia, Direito, Economia Política, marcando assim flagrante distanciamento face aos currículos liceais. Alguns dos voluntários com activa participação nestes cursos eram lentes progressistas da UC, como Filipe do Quental (Medicina, 1824-1892), António José Teixeira (Matemática, 1830-1900) e Albino Augusto Giraldes (Filosofia).” (António Manuel Nunes)

Em 1866, o prelo do Galinha foi comprado pelo tipógrafo Francisco dos Santos e Silva, estabelecido na Rua das Covas, que o venderia pouco depois à Biblioteca da Universidade, com a intenção de nele se imprimirem os seus primeiros catálogos.

O Dr. Alberto Vilaça escreveu (Tempos de Munda e do Mondego, 2007) que este prelo teria pertencido à Imprensa da Universidade de Coimbra, o que não nos foi possível confirmar, infelizmente.

Sabemos que na década de oitenta do século XIX, ele foi para o edifício de S. Bento, emprestado para produzir as etiquetas do Jardim Botânico.

Da imprensa de intervenção cívica, sob a direcção de José Maria Dias Vieira e de Joaquim Martins de Carvalho, aos catálogos da Biblioteca da Universidade

e às modestas etiquetas do Botânico, este objecto atravessa mais de um século de labor cultural do melhor escol da Cidade e da sua Universidade.

Hoje encontra-se em exposição na entrada do Cárcere Académico, nos fundos da Biblioteca Joanina, em mau estado de conservação, incompleto e a necessitar de restauro.

A. E. Maia do Amaral